



Responsabilidade de ser pessoa no *peak experience* da experiência musical

Michael Fragomeni Penna – AMF

Eixo temático: Protagonismo responsável a ser pessoa

INTRODUÇÃO

A experiência é algo que ocorre durante anos, mas não traz, por si, a realização do sujeito. No caso da música a pessoa pode tocar um instrumento por anos, fazê-lo com uma técnica impecável, mas não quer dizer que ela esteja plenamente realizada com aquilo, ou ainda, escutar várias performances de músicos, mas saírem do teatro como se nada tivesse acontecido. Mas podemos ir além dessas experiências mecânicas da vida e entrar em um movimento profundo e dinâmico, que nos possibilitem progresso e realização pessoal.

PEAK EXPERIENCE

Abraham Maslow, em seu livro *Introdução à Psicologia do Ser*, expõe que a psicologia contemporânea tem estudado os meios e não se interessado pelas pessoas como fins. Se aprofunda em conhecer o “não-ter em vez do ter, o esforço para realizar em vez da realização, a frustração em vez da satisfação, a busca de alegria em vez da alegria atingida, a tentativa de ‘chegar lá’ em vez de ‘estar lá’” (1979, p.102).

No *Dicionário de Filosofia*, Nicola Abbagnano traz o termo experiência com dois significados fundamentais. Primeiro sendo “a participação pessoal em situações repetíveis”, quer dizer, pela repetição suficiente de uma determinada situação ou estado de coisas com uniformidade dá ao sujeito a capacidade de resolver alguns problemas. O segundo significado expõe a “possibilidade de repetir certas situações como meio de verificar as soluções que elas permitem”, como quando alguma proposição pode ser confirmada pela experiência. De qualquer maneira o elemento comum dos dois significados é a “possibilidade de repetir as situações, e isso deve ser considerado fundamental na significação geral do termo” (2007, p. 406).

Maslow trouxe a possibilidade de o ser humano viver, em certos momentos, um tipo de experiência positiva que, segundo Meneghetti, eleva a pessoa a um máximo nível de tolerância e compreensão (2012). Desenvolvendo um pouco mais, Maslow escreve que quando a pessoa chega a ser mais pura e particularmente ela própria, a pessoa está mais propícia a “fundir-se com o mundo”, nas palavras do autor o “monismo Eu-Tu torna-se mais possível” (1979). Trazendo o exemplo da música, o apreciador, o músico, torna-se música e ela torna-se ele, rompendo com o isolamento entre sujeito e objeto. Quer dizer que, nesse momento de experiência ponta chega-se a máxima realização de identidade, autonomia e individualidade e se pode dizer que simultaneamente é uma transcendência do próprio eu, um ir além e acima do eu.

Trago abaixo alguns pontos colocados por Maslow na *Introdução da Psicologia do Ser* sobre as características de uma experiência culminante:

- É sentida como um momento autovalidante e autojustificante, que comporta o seu próprio valor intrínseco;
- Existe uma desorientação muito característica no tempo e no espaço;
- É unicamente boa e desejável, e nunca é experimentada como má ou indesejável;
- Não podemos comandar a experiência culminante. Ela acontece-nos;
- A reação emocional, na experiência culminante, tem um sabor especial de espanto, de reverência, de humildade e rendição diante da experiência como diante de algo verdadeiramente grande;
- A percepção no momento culminante tende a ser fortemente idiográfica e não-classificatória;
- A experiência culminante pode ser concebida como pura satisfação, pura expressão, pura exultação ou júbilo. Mas, como é “no mundo”, representa uma espécie de fusão do “princípio de prazer” e do “princípio de realidade” freudianos. Portanto, é mais um exemplo da resolução dos conceitos habitualmente dicotômicos, em níveis superiores do funcionamento psicológico;
- Parece haver uma espécie de paralelismo dinâmico ou isomorfismo entre o interior e o exterior. Isso quer dizer que, assim como o Ser essencial do mundo é percebido pela pessoa, também fica mais próxima, concorrentemente, do seu próprio Ser.

Esse conceito de Maslow é fundamental na vida de um ser humano, pois, o autor se preocupa com o crescimento pessoal. Contudo, com Meneghetti percebemos que é preciso dar um passo além na responsabilização dos indivíduos envolvidos na experiência musical (músico e ouvinte).

RESPONSABILIDADE NA EXPERIÊNCIA-PONTA

O conceito de Antonio Meneghetti de experiência, traz na etimologia do termo do “latim *ex perior actio*, que significa, saber pelo morrer ou do encarnar-se dentro de uma situação ou ação”. Quer dizer, “o ser tocado ou vivido de dentro de uma coisa, contexto ou pessoa. Conhecimento objetivo em evidência subjetiva. Resultado ou estado de consciência após o perecer dentro de uma interação” (2012, p. 113).

Para Meneghetti, no interior de uma pequena ou grande experiência ponta, existe na pessoa uma urgência conexa a uma “forma de vectorialidade nova em busca da novidade existencial” (2008, p.61). Nesse ponto o autor aponta que Maslow não encontrou uma saída, pois a experiência culminante sempre foi vivida como fim, como ponto de chegada, um ponto de êxtases na contemplação. Mas ela é uma “experiência de plenitude, de totalidade de prazer conforme aquele modo de existir do sujeito, mas não é a plenitude do último possível do sujeito no seu processo histórico” (2008, p.61). Isso quer dizer que quando impactados por essa força nova, é preciso “dar uma história nova a si mesmo, às próprias eleições, aos modos do próprio trabalho, aos modos da afetividade” (2008, p.61), fazer novidade na própria história.

Quando o sujeito evidencia uma experiência-ponta, existe um momento de graça, que é real, orgânico e rico de semântica. Se a pessoa não se dá conta, não objetiva na sua consciência, essa superabundância, essa graça, vai em nulidade ou em investimentos contrários à unidade de ação do sujeito (2013). A contribuição da psicologia iniciada por Meneghetti é a possibilidade de

se individualizar o ato vital no sujeito, e quando se dá, de como reconhecê-lo, como vivê-lo e como investi-lo. O que acontece é que a maioria das pessoas se responsabiliza, através da consultoria ontopsicológica, em como sair do mal e melhorar, mas não é responsável no momento da *peak-experience*, não tem a educação a respeito do modo de economizar no momento do bem, da luz, da sanidade. Com isso existe um desperdício de si mesmo, já que o momento de experiência-ponta é o momento do máximo ganho, do poder e deve ser investido *in progress* para o projeto da pessoa e não ser desperdiçado (2013).

MÚSICA E A EXPERIÊNCIA CULMINANTE

Para Meneghetti, na performance musical de um verdadeiro artista encontramos a pura visão de um ato. É evidência escolhida, tocada e dirigida dentro de um conceito formal (2003). Quando um músico toca não deve ser um passivo, mas um ativo que “antevê, determina, constitui e escolhe” aquela música. Cada ouvinte colhe a seu modo, mas existe uma base que é unilateral. “Um grande músico deve encontrar a estrada pela qual não passa o sentimento. Deve transcendê-lo para chegar ao dar-se estético do sentimento: a lírica pura” (MENEGHETTI, 2003, p. 284). Dessa maneira a música se transforma em uma ferramenta para a pedagogia, para uma progressiva civilização, a valores mais funcionais e afinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O músico tem a possibilidade de se realizar com sua arte e também de levar para a sociedade uma ferramenta que permita elevar as pessoas a um estado de graça, a uma experiência-ponta. A Ontopsicologia educa o ser humano para que ele aproveite esses momentos únicos para investir na sua realização pessoal e que não desperdice semelhante energia com situações que não tenham que ver com o projeto de natureza daquele ser histórico. Para o músico, assim como para o público ouvinte, portanto, não basta ter toda a formação técnica ou conhecimento musical, é preciso a responsabilidade a ser pessoa. Pois, também, o tocar e o escutar a música podem reforçar os estereótipos da pessoa que conduzem à não realização pessoal.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007.
- MASLOW, Abraham. *Introdução à Psicologia do Ser*. Editora Eldorado, 1979. Coleção Anima Edição 2. 269p.
- MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012. 288 p.
- MENEGHETTI, Antonio. *Psicologia do Líder*. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editora Universitária, 2008.
- MENEGHETTI, Antonio. *A Feminilidade como Sexo, Poder, Graça*. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editora Universitária, 2013. 460p.